APRESENTAÇÃO

> "A estrada é cheia de armadilhas, de alçapões, de mundéus perigosos, para não falar em desvios tentadores, mas eu podia percorrê-la na ida e na volta de olhos fechados sem cometer o mais leve deslize. Era por isso que eu não gostava de viajar acompanhado, preocupação de salvar outros do desastre tirava-me o prazer da caminhada, mas desde criança eu era perseguido pela insistência dos que precisavam viajar e tinham medo do caminho, parecia que ninguém sabia dar um passo sem ser orientado por mim, chagavam a fazer romaria lá em casa, aborreciam minha mãe com pedidos de interferência; e como eu não podia negar nada a minha mãe eu estava sempre na estrada acompanhando uns e outros."
> José J. Veiga (2000, p. 37).

O presente dossiê tenta operar e ser operado como a "criança possível" de J. J. Veiga (2000). A expectativa aqui é causar surpresa e inquietação. É visibilizar fronteiras outras, caminhos, alçapões, mundéus e armadilhas. É nosso jogo brincar com as linhas da amarelinha e misturá-las às socialidades aqui desenoveladas.

É de a *Fronteira* que J. J. Veiga retirou o "menino possível", uma jovem criança que cotidianamente percorre estradas cheias de armadilhas na expectativa de atender os incontáveis pedidos daqueles que precisam viajar e não conhecem o caminho, suas linhas sinuosas e seus "mundéus perigosos".

Na emergência do medo do desconhecido, é à criança que os adultos recorrem para ver sanadas suas dúvidas, seus medos e suas "coisas" de gente grande. Ao atender tantos pedidos ele, e elas, fabricam socialidades renovadas. Ambos, em relação, dão nova tonalidade ao ambiente social, através de "convenções implícitas em contraposição às quais as pessoas inovam e improvisam" (STRATHERN, 2014, p. 224) sem necessariamente romper com as estruturas sociais.

A criança "fronteiriça", imaginada por J. J. Veiga, e caracterizada por seu mundo e ontologia puerícia, cria imagens próprias e apresenta-as aos demais como a verdade inquestionável de um mundo que só ele compreende em sua completude. Tal consciência de verossimilhante confere-lhe meios para se posicionar na fronteira do outro, tanto que se converte em uma espécie de "atravessador". O "menino possível" é a ponte entre os vários mundos operados e operantes no ambiente social, seja ele virtual ou tangível. Ele é o antropólogo que revela, que surpreende e que se permite surpreender.

Detentor de uma imaginação literária, convencionalmente denominada de fantástica, J. J. Veiga transita, e faz seus personagens transitarem, do real ao imaginário em espaços de tempo, medidos pela/na tessitura narrativa. É entre linhas, palavras, frases e parágrafos que seus personagens, seus mundos e ontologias se tornam inteligíveis.

Sua literatura caminha *pari passu* ao trabalho de Murilo Rubião e de Franz Kafka. Semelhante a estes escritores os personagens de J. J. Veiga encenam novas simbolizações, novos mundos e novas poéticas. Por intermédia da imaginação literária do escritor goiano se pode entender, fragmentariamente, o fantástico e as experiências humanas implicados às coisas do mundo.

Seus personagens são como as pessoas de carne e de osso envolvidas no ambiente social, dito real. Ambos se apresentam inseguros diante do desconhecido e isto lhes força produzir simbolizações capazes de explicar seus medos, suas expectativas, suas desejos e múltiplas experimentações.

Só o jovem "menino possível", posicionado na fronteira do outro não teme mais o desconhecido e os perigos da caminhada, comporta-se como um antropólogo que curioso ou inquietado por situações problema envolve-se em relações várias na expectativa de desvelar símbolos e poéticas outras através de experimentações e narrativas etnográficas. O personagem de J. J. Veiga, como um antropólogo, percorre a sinuosidade das linhas da vida em busca de desenhos que lhe façam sentido e lhe ofereçam inteligibilidade para sua ontologia particular em confrontos com várias outras ontologias. Algo bastante parecido ao que que explica Tim Ingold (2015) em sua breve história das linhas, do limiar entre uma linha e outra, dos traços e das diferentes linhas traçadas no processo de produção da música e até do conhecimento.

Este número da revista Emblemas reúne sete textos. Eles trazem muitos artigos sobre temas diversos, mas que se encontram em uma mesma estrada, a estrada desconhecida e cheia de perigos da etnografia e da conversão de experiências em texto.

O artigo de abertura compartilha as experiências etnográficas de Janine Helfst Leicht Colaço, uma antropóloga que estuda o contexto urbano, com pesquisas pautadas na antropologia da alimentação. Seu texto traz narrativas sobre suas experiências etnográficas, contendo momentos importantes e decisivos que foram vividos por ela em sua trajetória na pesquisa, com lembranças saudosas e marcantes de quando ela ainda era uma neófita naquele campo de estudos. Neste texto, a antropóloga compartilha as dificuldades que foram surgindo durante suas incursões de campo, bem como suas ansiedades, conflitos e histórias intrigantes em suas "entradas em campo". Sua escrita acalora e conforta possíveis leitoras e leitores que também passam por isso, pois ela apresenta caminhos importantes que precisou recorrer para superar as dificuldades vividas no processo de pesquisa, que requeriam dela mudanças de planos, uso de novos instrumentos de pesquisa, tudo isso, conforme as questões que iam se colocando a cada momento, lembrando-nos do caráter artesanal da pesquisa etnográfica.

O texto seguinte é uma produção conjunta entre Clovis Carvalho Britto, Jean Costa Souza e Laís Moura Silva. Rico em detalhes etnográficos, o artigo imerge em narrativas instigantes relacionadas a um antiquário situado na periferia de Aracaju – SE, que é concebido como um espaço

ambivalente, atravessado por fissuras e intervenções de diversas naturezas e temporalidades. Descrito como um cenário carregado de símbolos e assimetrias, o antiquário é colocado em cena, e, aos poucos, de maneira cognoscível, suas imagens vão sendo poeticamente reveladas, deixando entrever uma trama de relações entre o dono do estabelecimento, as peças, os especialistas em conserto e reparo, os agentes mediadores da classe média de Aracaju e de outros centros urbanos, além dos consumidores finais dos bens.

O terceiro artigo propõe analisar a participação de um grupo de jovens em festivais juninos no município de Juazeiro do Norte – CE. O autor, Ricardo Cruz Macedo, descreve as quadrilhas juninas desta cidade como grupos culturais, partindo da compreensão destes jovens enquanto sujeitos atores centrais. Suas categorias de análise concebem sobre juventudes e grupos culturais (numa perspectiva plural) enquanto construtos de redes de sociabilidades que se resultam enquanto expressões das relações, laços e vínculos sociais. Neste texto, o autor deixa características muito peculiares de sua escrita etnográfica, presenteando seus leitores com a partilha de seu próprio diário de campo.

No quarto texto deste volume, a pesquisadora Thaisa da Silva Ferreira propõe discorrer sobre suas experiências e vivências de campo numa pesquisa realizada na cidade de Salvador - BA com jovens moradores de bairros periféricos. Seu artigo também contém descrições sobre os impasses e as fruições na entrada em campo, expondo como a autora recorreu às observações e aprendizados êmicos para rever suas táticas de imersão etnográfica e driblar as diferenças percucientes entre ela e seus interlocutores de pesquisa.

O artigo seguinte é produzido por Jeremias Brasileiro. Ele propõe descrever a festa de congada de Minas Gerais, aludindo aos manejos de táticas de enfrentamento que os congadeiros utilizam para entrar na Igreja do Rosário de Uberlândia – MG. O texto discute musicalidade, criatividade e improviso, como elementos arraigados na cultura oral dos congadeiros. O texto busca desvendar como a cultura afro-racial se entremeia no catolicismo popular, porém, com suas dinâmicas próprias de coexistência cultural e religiosa, e, assim, vai discutindo como as questões raciais contemporâneas podem utilizar suas táticas para se locomoverem na contramão do pensamento colonizador e, ao mesmo tempo, trazerem suas discussões, tendo como pauta suas próprias agendas.

O artigo de Paulo Menotti Del Picchia encerra este primeiro volume do dossiê, discorrendo também sobre a musicalidade, mas numa outra perspectiva, seu estudo é sobre o funk em Heliópolis no bairro da Zona Leste de São Paulo. Sua escrita etnográfica propõe pensar sobre o musicar local deste bairro, propondo entender sobre a vida social do bairro a partir da música funk, compreendendo esses sistemas de som como agentes sociais não humanos que demarcam sonoramente a favela enquanto localidade.

Por fim, na seção de Artigos livres da Revista Emblemas, contamos com a contribuição de Elder Pereira Ribeiro e Jackson Santos dos Reis, na qual os autores refletem sobre as potencialidades e os possíveis campos de

atuação para o assistente social no âmbito da educação básica.

Esperamos que esta coletânea incentive e contribua para novos trabalhos e novas experimentações etnográficas. Como o "menino possível" de J. Veiga, os pesquisadores aqui implicados se posicionaram em suas fronteiras epistemológicas e nos limites de uma certa linguagem para produzir narrativas capazes de considerar a comunicação no contexto da situação, transformar, de maneira feliz, para a linguagem escrita o que foi vivo e intenso na pesquisa de campo e detectar a eficácia social das ações de forma analítica (PEIRANO, 2014).

Conforme fizeram Emmanuel Le Roy Ladurie (1997) e Marilyn Strathern (2006) e que percorreram, o primeiro em narrativa historiográfica e a segunda em narrativa antropológica, os meandros da população de Montaillou em um contexto de Inquisição e os problemas com as mulheres e sociedade na Melanésia os artigos aqui reunidos tentaram "escrever a cultura", apresentar poéticas outras e nos contar um pouco de suas "políticas etnográficas". Aspecto que nos reforçou ainda mais a imagem construída por Mariza Peirano de que etnografia não é método, mas uma ferramenta que pode ser manejada por diferentes áreas do conhecimento e a qualquer momento para se pensar os problemas resultantes das "maneiras de ser ou de agir de certos homens".

Agradecemos aos autores e autoras pelas contribuições e desejamos a todos uma excelente leitura dos artigos reunidos neste primeiro volume do dossiê "Experimentações etnográficas: entrecruzando linhas e socialidades".

Atenciosamente,

Antônio Augusto Oliveira Gonçalves
Flávia Valéria Cassimiro Braga Melo
Paulo Brito do Prado

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CLIFFORD, James. *Introdução: Verdades parciais.* In: CLIFFORD, James; MARCUS, George (Org.). A escrita da cultura: poética e política da etnografia. Rio de Janeiro: EdUERJ; Papéis Selvagens Edições, 2016.

INGOLD, Tim. *Lineas: una breve historia. Barcelona.* Gedisa, 2015.

LADURIE, Emmanuel Le Roy. *Montaillou, povoado occitânico, 1294 – 1324*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PEIRANO, Mariza. *Etnografia não é método.* Horizontes Antropológicos, ano 20, n.º 42, 2014.

STRATHERN, Marilyn. *O efeito etnográfico e outros ensaios.* São Paulo: Cosac Naify, 2014.

STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

VEIGA, J. J. *Melhores contos*. São Paulo: Global, 2000.